

# SOPRO

96



## A HIPÓTESE ANARQUISTA

Moysés Pinto Neto

**1** Há uma linha de continuidade entre os movimentos espalhados pelo mundo em 1968, os protestos anti-globalização dos anos 90 e os movimentos das diversas “Primaveras”, começando pela Primavera Árabe, passando pelo 15-M e Occupy Wall Street até as recentes revoltas na Grécia, Chile, Egito (novamente), Brasil, Turquia e outros países. Apesar das diferenças, movimentos contra as ditaduras na América Latina, o totalitarismo do bloco soviético, a Guerra Fria, a estagnação e o moralismo da sociedade burguesa, o domínio transnacional avassalador do capitalismo enquanto nova *pax* mundial, as cleptocracias do Oriente Médio, a plutocracia do capital financeiro, a corrupção generalizada e a destruição dos espaços urbanos têm um comum a Grande Recusa, que é também, ao mesmo tempo, um devir-revolucionário.

Quanto a todos eles, existe uma perplexidade geral comum aos meios midiáticos, acadêmicos e políticos. Para além das hostilidades previsíveis da direita política, que quer conservar a todo custo a injustiça enquanto fenômeno natural nas sociedades humanas e não-humanas, os tanques soviéticos e as teorias conspiratórias governistas confessam que mesmo a esquerda continua sem entender o que está acontecendo, pois os movimentos sociais (no mínimo) desde 1968 empregam meios e procuram objetivos distintos dos movimentos sociais clássicos, especialmente do movimento operário.

**2** O que caracteriza os movimentos sociais pós-68, então, é a indissociabilidade entre público e privado, institucional e individual, intelectual e corporal, política e dança. Contrariando o tabuleiro moderno em que cada indivíduo é uma consciência utilitária que constrói, pelo acúmulo de vontades, uma instituição, os movimentos contemporâneos sabem que o que está em jogo na política não são organizações burocrático-normativas, mas a própria vida naquilo que os gregos chamavam de *ethos* – o habitar o mundo segundo uma forma, na união indissociável das redes que constituem esse viver enquanto ética, política, economia e estética. Hoje, simplificando o vocabulário, poderíamos atualizar a palavra *ethos* utilizando, no sentido mais lato, forte e abrangente possível, o termo “cultura”. O que as insurgências colocam em questão é esse fundo cultural.

**3** A colocação em jogo da própria vida na esfera política, contrariando o indivíduo burguês que separa público e privado, advém do próprio fracasso da experiência liberal na conquista do “consenso sobreposto” baseado na tolerância recíproca e identificado como a própria “democracia”. Mais do que nunca é evidente pela própria experiência cotidiana que *as instituições não são neutras*, pois, quando não diretamente a serviço do *status quo*, mesmo a sua ineficácia é resultado de uma construção intencionalmente defeituosa que mitiga seus resultados. Na esfera da geopolítica internacional, essa experiência é tão cristalina que chega a ser vertiginosa, provocando a sensação de total descrédito dos órgãos encarregados de mediar e arbitrar os conflitos entre Estados soberanos. Ela reproduz de forma ostensiva o modo cotidiano de funcionamento interno dos Estados, cujas instituições servem às relações de poder instituídas chanceladas com o pretexto da neutralidade da democracia.

A tese dos movimentos se enriquece ainda com a vivência no próprio corpo da *violência estatal* exercida sem observância de qualquer critério jurídico e sempre a serviço do poder, ainda que porventura circunstancialmente, do ponto de vista da “neutralidade democrática”, ela devesse estar de outro lado. A convicção com que os órgãos repressivos (em especial a polícia) exercem a violência seguindo

o poder *confessa*, sem as mesmas tergiversações do mundo jurídico e político, *quem efetivamente* detém o comando, o que sempre é possível testemunhar a partir dos golpes e atentados à democracia que esses poderes realizam quando o resultado das urnas e das políticas públicas contrariam radicalmente seus interesses.

**4** Que toda política seja *biopolítica* não se trata apenas de uma tese subscrita por diversos intelectuais nas últimas décadas. Uma vez eliminado o “estadocentrismo”, vício analítico da Modernidade que (à direita ou à esquerda) só consegue pensar a política a partir de um ente burocrático centralizado (ou seja, política enquanto *administração e governo*), mais do que nunca está claro que o que está em jogo em cada disputa é nada menos que nosso próprio corpo enquanto recurso energético, enquanto esfera material. Um materialismo renovado não pode ser senão a investigação em torno da guerra – declarada explicitamente ou não – que se trava pela *energia* (humana e não-humana) no mundo hiperprodutivo do capitalismo do consumo. Para além da economia política clássica e marxista, trata-se da “economia geral” que Georges Bataille nos ajudou a pensar. Para além dos juridicimos ociosos que pensam as relações mundiais a partir dos aparatos formais que a prática política não cansa de desconsiderar, trata-se de observar as relações políticas a partir da exploração energética, a começar pelo próprio bloco de conflitos que hoje constitui o Oriente Médio pela reserva de petróleo que detém, fazendo visíveis e explícitas as razões perversas que comandam o mundo na forma de um estado de exceção permanente.

**5** Fazendo uma provocação à “hipótese comunista” de Alain Badiou<sup>1</sup>, talvez não seja o comunismo a utopia que guia os manifestantes de todo mundo. Tampouco que os movimentos estejam dispostos a aderir à matriz econômico-industrial produtivista e crescimentista, aliada a “disciplina política” (“militância”)<sup>2</sup> e o humanismo antropocêntrico<sup>3</sup>, todos a irrigar boa parte do pensamento que coloca como *hipótese de trabalho* a “ideia comunista”.

Proponho a “hipótese anarquista” para explicar, desde 1968 até nossos dias, a revolta difusa e experimental contra as instituições burguesas e suas raízes mais antigas. Longe do pragmatismo rasteiro que coloca a vitória na eleição ou a tomada do poder como ponto central para a transformação social, o que estes manifestantes propõem é nada menos que a transformação da nossa *cultura* no sentido estruturante que Marcel Mauss nos ensinou a pensar, ou seja, o “fato social total” que constituímos e nos constitui, que repetimos diferencialmente a cada geração, numa iteração cuja continuidade hoje nos parece insuportável. Cada “onda” geracional é um golpe a mais nas placas tectônicas que regem nosso mundo: o Estado e o capitalismo. Se as instituições normativo-burocráticas não são senão um efeito da *cultura*, caldo político-vital que é a condição de possibilidade para sua emergência, é essa a raiz que as manifestações buscam, nos seus gestos que, sem finalidade, contestam a própria lógica utilitária que nos rege, movendo-se em um *trabalho lento e descontínuo, em passo de dança, contra o próprio trabalho*. Por isso, contrariando a lógica política com a qual se costuma avaliar os resultados das revoltas em geral, a revolução que virá não será a tomada do governo, mas sua morte diante da indiferença dos corpos libertos.

<sup>1</sup> Ver BADIOU, Alain. *A Hipótese Comunista*. Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2012, p. 113ss.

<sup>2</sup> Como é defendida, por exemplo, por Slavoj Žižek em diversos textos e entrevistas, e cujo pensamento Badiou coloca como a outra forma, além da sua, da “salvar a ideia do comunismo” (BADIOU, Alain. *A Hipótese Comunista*, p. 127, nota 5). Ver, p.ex., ŽIZEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. Trad. Maria Beatriz Medina. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 108.

<sup>3</sup> BADIOU, Alain. *A Hipótese Comunista*, pp. 115-116; ŽIZEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*, p. 86ss.

# VERBETE

## Experiência(s)

Flávia Cera

As experiências que temos nunca se vão de todo. Suas marcas sempre ficarão à espreita esperando o momento certo para reaparecer. Esses momentos foram denominados por Walter Benjamin como “instantes de perigo” que aparecem como um lampejo e rearmam o sentido das coisas ou fazem desmoronar tudo. O que é bom também. O que importa é que de uma maneira ou de outra, teremos que juntar os cacos e começar com pouco, como diz Benjamin.

É a pobreza de experiência que nos assola. Os amores instantâneos, os tuites com 140 caracteres, a vida na cidade como flashes de civilização e barbárie. De nada disso podemos tirar uma narrativa. De nada disso podemos tirar uma história com pé e cabeça como contavam outrora. Resta-nos essa pobreza. E é aí que está toda a mágica da vida contemporânea. Sua fragmentação e a sua infinita possibilidade de recriação, de reinvenção, de redescoberta.

Nossa pobreza de experiências não significa, entretanto, que não as tenhamos. A diferença é que essa experiência se configura, segundo Benjamin, como uma “nova barbárie”. Ela não aparece mais para reconstruir um mundo perdido; e sim para revitalizar o mundo em que vivemos, para abrir novas possibilidades. Por isso muitas coisas ainda nos encantam, deixam-nos felizes, arrancam de nós sorrisos, enamoram. A tese de do desencantamento do mundo é falsa.

Mas os encantamentos dos quais falo são de outra ordem; são da ordem do sonho. É claro que sonhar em uma sociedade basicamente virtual, não só pelos meios, mas pela sua capacidade imagética irrefreável, vertiginosa e exaustiva, é um tanto complicado. Tudo é tão dado, tão oferecido, que a impressão que temos é que descobrem nossos desejos antes de nós mesmos, que formulam nossos sonhos quando ainda estamos acordados. Mas isso não é de todo verdade. O sonho de cada um existe: é a nossa capacidade de singularizar todas as imagens do mundo, de elaborarmos nossas possibilidades, de alimentarmos e inventarmos desejos. “Ao cansaço segue o sono, e não raramente o sonho compensa a tristeza e o desânimo do dia, revelando a existência simples e grandiosa para a qual faltam forças quando se está acordado”.

Não é por acaso que Benjamin, autor do trecho anterior citado, reivindica *Mickey Mouse* [cf. **SOPRO** n. 17] e a partir dele elabora uma frase que explica tão bem nosso mundo: “a humanidade prepara-se para sobreviver à civilização”. “E o faz rindo”. Mesmo que a humanidade esteja em sua condição pós-humana: não há o que resgatar, não há como resgatar. Para experimentamos a vida, temos que saber nos virar com pouco, captando dos nossos sonhos, das nossas marcas, da nossa pobreza, os nossos restos, o que pode aparecer como “iluminação profana” para intervir no mundo, para mudar a ordem das coisas. Nem que seja mínimo. Aliás, é provável que o seja. Mas isso é o suficiente para nos encontrarmos com um pouco de felicidade.